

HISTÓRIA DO ENSINO A DISTÂNCIA: UMA ABORDAGEM ESTRUTURADA.

Paulo Rurato - *Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, UFP*
Mestre Assistente

Luís Borges Gouveia - *Faculdade de Ciência e Tecnologia, UFP*
Professor Auxiliar

ABSTRACT

Distance learning is nowadays a promising discipline. A number of opportunities are now available, both concerning business matters and the prospect of increasing learning outcomes, and new ways of providing teaching, training and learning environments.

Even considering such discussion quite up to date, the history of distance learning is a rich and old one. Before the introduction of computers and Internet, a number of experiences and lots of results were gathered in the area.

Giving this, the authors propose a journey into the distance learning main events. This text takes into consideration the issues that contribute to the collective knowledge that we have today for use and advance. The authors also summarize that a lot more may happen in a near future, although distance learning has by now a rich and live history.

RESUMO

O Ensino a Distância (EaD) é actualmente uma área promissora. Revelam-se oportunidades quer de negócio, mas principalmente de ganhos na aprendizagem e de formas alternativas de oferta para o ensino, a formação e o treino.

Embora seja um tema de discussão actual, o ensino a distância possui uma história que importa conhecer. Mesmo antes do aparecimento e vulgarização das tecnologias de informação e comunicação, em especial, o computador e a Internet, muitas são as experiências e estudos conhecidos na área.

Desta forma, os autores propõe uma viagem pelos acontecimentos mais relevantes que contribuem para a formação, práticas e corpo de conhecimento do EaD. Não obstante, os autores concluem que embora rica e variada, esta história ainda se está a iniciar.

1. INTRODUÇÃO

O EaD não é um fenómeno novo, é um modo de ensinar e de aprender individualmente, que existe há pelo menos mais de cem anos (Moore e Kearsley, 1996). Antes do surgimento das comunicações via electrónica, os educadores usavam a tecnologia impressa e os serviços postais, naquilo é conhecido como ensino por correspondência.

Com o século XXI, revelaram-se alguns eventos que alteraram dramaticamente o cenário do ensino em todo o mundo. A emergência do conhecimento, como um dos mais importantes factores a ter em conta, para a prosperidade económica das nações, foi um dos raros momentos de mudança, que tal como Alvin Toffler disse, apenas ocorreu uma vez na história da humanidade, aquando da transformação de um sistema económico baseada na agricultura para uma economia baseada na indústria. Uma transformação similar ocorreu agora, à medida que a economia mundial se torna mais assente no conhecimento como fundamento para o aumento da produtividade.

A emergência da economia do conhecimento teve um duplo efeito no ensino (Saba & Associates, 1999):

1. em primeiro lugar, as tecnologias de informação tiveram um profundo impacto nas práticas de ensino e da aprendizagem, e uma evidência disto mesmo foi a rápido crescimento de universidades virtuais e da expansão de práticas de EaD;

2. em segundo lugar, a indústria e o comércio vêem-se a eles próprios como geradores e disseminadores de conhecimento, acabando com o semi-monopólio do ensino superior na criação e disseminação de novo conhecimento.

A adopção do EaD, levou a uma mudança social maior do que qualquer outro factor. O estabelecimento da Universidade Aberta no Reino Unido, em 1969, surgiu como resposta a um aumento da procura de meios alternativos, para permitir o acesso ao ensino superior a todos quantos assim o quisessem.

Hoje, o ensino superior é para aqueles que pretendem trabalhar e prosperar numa economia, que depende não na força dos músculos, mas na força do cérebro, pois, os trabalhadores são recompensados pela rapidez com que os problemas são detectados e resolvidos (Saba & Associates, 1999).

De uma certa maneira, o EaD é em tudo similar à época inicial da realização de filmes no cinema, ou seja, os produtores dos primeiros filmes tentaram fazê-los no formato mais parecido possível com o teatro. Hoje, no EaD tenta-se na medida do possível imitar a sala de aula tradicional.

O EaD é tradicionalmente definido como sendo ensino realizado através de material impresso, ou, através de comunicação electrónica dirigida a indivíduos comprometidos com o processo de aprendizagem, num lugar e num tempo diferente daquele em que estão o educador ou educadores. A definição tradicional de EaD, tem sofrido modificações, à medida que os mais recentes desenvolvimentos tecnológicos criam novos desafios aos educadores, no sentido da (re)conceptualizar a ideia de escola e de aprendizagem ao longo da vida (McIsaac e Gunawardena, 1996).

À medida que aumenta o interesse no EaD, e nas ilimitadas possibilidades de individualização que esta tecnologia educativa parece proporcionar, em resultado do surgimento de novos meios e de novas tecnologias de comunicação, os tecnólogos educacionais, concordam que deve ser o desenvolvimento dos materiais e dos conteúdos a conduzir o desenvolvimento do EaD. Efectivamente, foi o rápido crescimento das tecnologias relacionadas com o computador que prenderam a atenção dos indivíduos, sendo este o responsável pela maior evidência que os educadores à distância actualmente desfrutam (McIsaac e Gunawardena, 1996).

2. UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A HISTÓRIA DA EVOLUÇÃO DE EAD

Embora alguns autores (Baker, 1999), tenham declarado o Apóstolo S. Paulo como o primeiro educador à distância, é mais apropriado localizar a início formal do ensino à distância, por volta de meados de 1800. Os primeiros esforços no sentido de criar um modelo de EaD, resultam naquilo que ainda hoje é conhecido por, estudos por correspondência. De entre os pioneiros destaca-se Isaac Pitman que em 1840, no Reino Unido, ensinou estenografia por correspondência, e Charles Toussaint e Gustav Langenscheidt que ensinaram cursos de línguas por correspondência em 1856. Em 1890, a Escola de Engenheiros de Minas de Carvão da Pensilvânia, começou um curso de segurança de minas, curso esse realizado em casa, e que se tornou tão popular que deu origem à constituição da Escola Internacional por Correspondência que é actualmente a maior fornecedora de programas de estudos em casa, nos Estados Unidos da América. Em 1892, a Universidade de Chicago, oferece o primeiro curso por correspondência a nível mundial com concessão de grau académico. Em 1930 existem já 39 Universidades Americanas a oferecer cursos por correspondência. Estes estudos por correspondência careciam de qualquer contacto real interactivo com os aprendentes. Estes, como participantes apenas tinham contacto com as lições e com os facilitadores, no entanto, foi a partir daqui que

resultou a organização e o desenvolvimento de diferentes tipos de EaD mais sofisticados. Apesar disso, os cursos por correspondência de estudo independente, mesmo com a sua falta de interação, continuaram a ser uma forma popular de Ensino à Distância (Baker, 1999).

Assim que a rádio começou a emergir, como meio de comunicação em massa, um largo número de universidades começou a desenvolver, rapidamente, programas de EaD para serem transmitidos via rádio.

O áudio e a videoconferência cresceram em popularidade durante os anos 1970, e só foram possíveis graças aos avanços realizados na comunicação via satélite, o que permitiu que aprendente separados geograficamente participassem em aulas de EaD. Este tipo de comunicação permitiu um elevado nível de interação entre os aprendentes, mais do que qualquer outro tipo de EaD.

No sentido de permitir beneficiar com as vantagens da videoconferência, mas, sem que os custos inerentes fossem muito elevados, as instituições precisavam de um meio de transmissão único: associando o poder e a ubiquidade da televisão, e combinado com os baixos custos da tecnologia de impressão. É assim, que entre 1980 e 1990, este meio surgiu com internet e a world wide web. Mais especificamente, o advento dos computadores pessoais e subsequente desenvolvimento de boletins electrónicos, serviços comerciais em linha, e a internet e web tornaram possível às instituições realizarem cursos com o desenvolvimento e custos associados, comparáveis à impressão, e um nível de interação similar ao da videoconferência (Baker, 1999).

Esta aproximação tem o benefício de simular a tradicional sala de aula, se bem que a interação ocorra a um nível mais lento do que realmente acontece nos encontros face-a-face.

As discussões assíncronas oferecem a vantagem de os aprendentes poderem participar quando muito bem entenderem e seja conveniente ou necessário, além de oferecer a flexibilidade de ter grupos com aprendentes de diferentes fusos horários. Alguns autores, são de opinião que esta interação electrónica melhora os níveis de discussão relativamente ao que acontece nas salas de aula, ditas tradicionais, pois a discussão em linha muda a dinâmica social da educação, uma vez que põe todos os intervenientes (aprendentes e facilitadores) ao mesmo nível, em igualdade de circunstâncias, onde cada um pode enviar mensagens e participar de igual modo, contribuindo com ideias e comentários. Os adeptos das discussões assíncronas enumeram uma série de vantagens, tais como: estudantes mais tímidos sentem-se mais à vontade em participar, o tempo adicional para reflectir e pesquisar melhora a potencial qualidade das discussões, estudantes rápidos a rebater ideias não dominam as discussões, e as capacidades de escrita dos estudantes tendem a melhorar através da discussão.

Através da história da comunicação humana, os avanços da tecnologia tiveram uma poder paradigmático nas mudanças ocorridas na área da educação (Frick, 1991). A comunicação entre facilitador e aprendente é um elemento vital para o sucesso do EaD, em que os meios audiovisuais desempenharam um papel essencial no estabelecimento dessa comunicação. Moore (1990), vê o sucesso do EaD, na base do diálogo estabelecido entre o facilitador e o aprendente, e na eficácia do sistema de comunicação num processo educacional.

Com o crescimento da popularidade do ensino por correspondência, novas questões se põem, tal como as características necessárias pelos aprendentes, a eficácia da comunicação, e, o valor dos resultados, quando comparados com o ensino tradicional.

A Universidade Aberta do Reino Unido trouxe uma nova visão de independência para o EaD, distinta da do ensino tradicional, desempenhando um papel relevante no desenvol-

162 vimento da investigação na área do EaD (Zigerell, 1984). A Universidade Aberta do Reino Unido tem uma das maiores e mais inovadoras organizações educacionais do mundo, sendo líder na tecnologia que facilita o EaD. A Universidade Aberta trouxe o respeito e confiança necessária ao programa de ensino por correspondência. Foi o sucesso da Universidade Aberta do Reino Unido, que originou o desenvolvimento da Universidade Aberta em outros países, nomeadamente, nos Estados Unidos da América e no Japão. A Universidade Aberta eliminou, não só, o conceito restrito de lugar e tempo, mas também eliminou as fronteiras entre países e nacionalidades (Nasseh, 1997).

Nos últimos vinte anos, com os avanços tecnológicos, o estudo independente tornou-se mais acessível para os aprendentes em EaD. Zigerell (1984) escreveu que, com a facilidade com que as modernas tecnologias de comunicação, estabelecem a ligação entre as instituições que facilitam o acesso ao ensino e às casas, as plataformas educacionais e os centros de investigação, fizeram da educação de adultos e da aprendizagem ao longo da vida assuntos de política nacional. Ao mesmo tempo, o acréscimo de responsabilidades dos adultos, culminou na chamada de atenção para o interesse dos especialistas e educadores em EaD. Feasley (1983), diz que os indivíduos que precisam de aprender à distância têm obrigações acrescidas, tais como, emprego, família, responsabilidades, ou outras desvantagens, como viver isolado geograficamente. As décadas de 1970 e 1980, introduziram o conceito de “educação à distância”, no que resultou em novos desafios para o tradicional estudo independente, forçando um (re)exame e uma (re)definição do importância do estudo independente neste movimento internacional (Nasseh, 1997).

As maiores barreiras para o sucesso educacional, através dos meios audiovisuais são as dificuldades de interacção entre aprendentes e facilitadores, uma situação inerente a uma sala de aula (Freed, 1999).

No início dos anos 90, as universidades, principalmente nos Estados Unidos da América, começaram a possibilitar aos seus aprendentes o acesso à internet, descentralizando a rede até aí, de uso restrito, pois apenas servia para ligar os departamentos militares e governamentais e os centros de investigação das universidades, durante o período da guerra fria. Uma vez facilitado o acesso público à internet, o uso do correio electrónico entre os aprendentes e entre estes e os facilitadores foi tão comum, que o uso de qualquer outra ferramenta foi relevado para um papel secundário.

Efectivamente, o crescimento explosivo da internet, modificou o carácter essencial na distribuição de conteúdos educacionais a estudantes remotos. Os termos “ensino à distância” e “telemática”, foram criados para descrever o processo.

Assim, todas estas inovações baseadas nas tecnologias da informação e comunicação, e, a consequente resposta (positiva) por parte do público, faz avançar o EaD de uma simples e tímida actividade educacional, para se tornar um modelo educacional que faz parte de todas as agendas educativas, em todo o mundo.

Conhecimento é poder em qualquer sociedade, mas numa sociedade baseada na economia do conhecimento, a ignorância é dependência.

O mundo avança dia após dia, para um aumento significativo da interdependência baseada na informação, e numa economia assente no conhecimento, pelo que, aqueles que melhor perceberem as tecnologias da informação e de comunicação, que consigam usar os novos meios para aprender o que quiserem, quando quiserem e/ou quando necessitem, são os que estão melhor preparados para tirar vantagem desses novos meios, que vão continuar a emergir nas próximas décadas. Quem possuir baixas capacidades tecnológicas, poderá vir a ficar para trás (Freed, 1999).

A designação ensino à distância aplica-se ao conjunto de métodos, técnicas e recursos, postos à disposição de populações estudantis dotadas de um mínimo de maturidade e de motivação suficiente, para que, em regime de auto-aprendizagem, possam adquirir conhecimentos ou qualificações a qualquer nível. Baseia-se tudo isto, na ideia comprovada de que, qualquer adulto, a quem não faltem os conhecimentos de base necessários à aquisição de conhecimentos mais avançados, pode aprender por si próprio, sem se postular a existência de uma relação directa facilitador/aprendente, desde que lhe seja fornecido a totalidade dos elementos didácticos associados à leccionação de uma disciplina: textos de base e complementares, indicações bibliográficas, exercícios e trabalhos de aplicação, várias formas de clarificação ou ilustração da matéria e, finalmente, elementos para avaliações parciais e finais (Universidade Aberta, 2000).

Em termos de evolução histórica, o ensino à distância teve como antecessor o designado «ensino por correspondências, baseado exactamente nos mesmos princípios, mas que, por carecer de um sólido suporte metodológico e por limitar os materiais didácticos, apenas àqueles que podiam assumir forma escrita, não era correntemente aplicado em níveis superiores de qualificação. No entanto, aquele método de ensino, com mais de um século de existência, conheceu uma expansão e importância significativas em países anglo-saxónicos e nórdicos, embora especialmente virado para o ensino básico e, frequentemente, ensino técnico.

Embora a primeira aplicação conhecida de ensino à distância a nível superior tenha sido feita pela UNISA (University of South Africa) em 1946, é geralmente reconhecido que a fundação da Open University Britânica em 1969, estabeleceu o primeiro modelo pedagogicamente válido de ensino superior a distância. Nesse modelo, a combinação de materiais escritos com emissões de rádio e de televisão e a criação de ocasiões de contacto obrigatório (mesmo que a distância) entre os aprendentes e o sistema de ensino, conjugados com uma pedagogia actualizada, uma correcta selecção de autores e responsáveis pelas disciplinas e um suporte metodológico rigoroso, constituíram elementos essenciais para o sucesso alcançado. Tal sucesso encontrou expressão no facto de sistemas de ensino semelhantes terem sido criados, praticamente em todas as regiões do globo.

A fundação da Universidade Aberta em Portugal, insere-se neste processo de desenvolvimento e criação de estruturas de ensino a distância em quase todos os países do mundo. Embora tardia, comparativamente a outros casos, é talvez interessante referir que, desde 1973, as autoridades educacionais portuguesas se preocupam com estas matérias, como se pode apreciar em seguida, por via de uma descrição sumária da evolução da situação no caso português, abordando apenas os momentos mais significativos (Universidade Aberta, 2000).

4. O ENSINO À DISTÂNCIA NO MUNDO

Perceber a história do ensino à distância é de grande importância, pois desta maneira ficamos a saber que existe mais do que um caminho na história do EaD, e que a sua evolução nem sempre foi fácil. Muitos dos problemas com que nos confrontamos, actualmente, na implementação e aceitação de inovações ao nível da educação, são os mesmos, com que a EaD enfrentou durante a sua evolução ao longo da história.

Na realidade, não existe nada de novo acerca do conceito de EaD, em si mesmo, os aprendentes desde sempre estudaram e aprenderam a partir de locais geograficamente separados dos facilitadores. E estes últimos, sempre providenciaram os meios necessários para que isso acontecesse.

164 Moore e Kearsley (1996) afirmam o Ensino à Distância, se baseia num conceito muito simples: aprendentes e facilitadores estão separados pela distância, e algumas vezes, também pelo tempo. Partindo desta premissa, pode-se afirmar que, a ideia base do EaD está vinculada a um meio de comunicação, pois, a primeira alternativa que permitiu às pessoas comunicarem-se, não estando face-a-face, foi a escrita. Motivado por este por menor, Landim (1997), sugere que, já as mensagens trocadas pelos cristãos para difundir a palavra de Deus, são a origem da comunicação educativa, por intermédio da escrita, com o objectivo de proporcionar aprendizagem aos discípulos, embora também haja referências anteriores a este facto, que se relacionam com o uso desta tecnologia, e que possibilitou realizar material a disponibilizar aos aprendentes, com a publicação por Platão dos discursos de Sócrates.

Alves (1994), compartilha apenas em parte da opinião de Landim, pois este autor, defende a tese que o Ensino à Distância iniciou-se com a invenção da imprensa, porque antes de Guttenberg, os livros eram copiados manualmente, e por isso, eram caros e inacessíveis à maioria das pessoas, no que resultava que, quem detinha o conhecimento, era quem estava na posse de documentos escritos, neste caso, os mestres.

No âmbito da evolução da comunicação baseada na escrita, outro facto importante foi a criação em 1840, na Inglaterra, do Penny Post, (Moore e Kearsley, 1996 e Mattelart 1994) que entregava correspondência, independente da distância. Embora Landim (1997), mencione um anúncio da *Gazeta de Boston* de 1728, que oferecia material para ensino e tutoria por correspondência, e Alves (1994) considere como primeira experiência de EaD, um curso de contabilidade na Suécia em 1833, Moore e Kearsley (1996), consideram que o estudo em casa se tornou interativo e efectivo, com o desenvolvimento de serviços postais que permitiam aos aprendentes corresponder-se com os facilitadores.

Alves (1994), menciona a Illinois Wesleyan University como a primeira Universidade Aberta no mundo, tendo iniciado em 1874, cursos por correspondência. Já Landim (1997), considera que a primeira instituição a iniciar-se na atribuição de cursos por correspondência, foi a Sociedade de Línguas Modernas, de Berlim, que em 1856 tinha cursos de francês por correspondência.

Mesmo que possa haver divergências quanto à primeira instituição, ou ao primeiro curso à distância, a literatura existente, é unânime quanto à importância da Open University do Reino Unido, criada em 1969, e que constitui um marco e um modelo de sucesso, cuja actuação, ainda hoje, é relevante no panorama internacional (Alves, 1994; Moore e Kearsley, 1996, Landim, 1997, Nunes, 1993, Holmberg, 1981, Preti, 1996). A novidade e a razão do seu sucesso são de vária ordem (Alves, 1994), desde logo, a utilização integrado de material impresso, da rádio e da televisão (através de um acordo com a BBC), o contacto pessoal, através de centros de atendimento espalhados pelo país, o facto dos aprendentes não necessitarem de apresentar qualquer certificado de formação escolar anterior (ter 21 anos, é suficiente para ingressar na universidade) e o alto nível dos cursos aí leccionados.

De seguida vamos apresentar os momentos mais importantes, relacionados com o aparecimento e à evolução do EaD, tendo em consideração não só as efemérides que a este fenómeno digam respeito, mas também, acontecimentos marcantes da vida da sociedade de então, em todo o mundo.

Durante os anos de 1800, o EaD foi originalmente conhecido como estudo por correspondência. Popularizado através dos serviços postais, os materiais de estudo são enviados através do correio, por uma escola ou por outra instituição, que mantém os aprendentes e facilitadores em contacto através da escrita (PBS Distance Learning Week, 2002).

Apesar de haver autores que referem a existência de indícios da utilização do EaD, mais cedo do que aquilo que aqui apresentamos nos quadros que se seguem (efectivamente, existem relatos de formas de EaD já nos princípios de 1700, ou outros ainda, já depois de 1800, mais concretamente em 1833, com um anúncio publicado num jornal sueco a oferecer a oportunidade de estudar “contabilidade” por correspondência). No entanto, e apesar deste indícios, optamos por considerar o “início” do EaD, através das actividades do inglês Isaac Pitman, por serem as que mais vezes são referenciadas na literatura como verdadeiramente o início comprovado do Ensino à Distância (Jeffries, 2002).

A primeira forma conhecida de EaD, foi através dos cursos por correspondência na Europa. Isto foi assim até meados do século XX, quando começam a surgir a rádio e a televisão e conquistarem a popularidade.

Antes de existir vídeo, DVD, fax, televisão por cabo, satélite, computadores pessoais, existia a rádio e a televisão.

Com a popularidade da rádio e da televisão, os facilitadores encontraram uma nova tecnologia que não necessitava do uso dos correios para a emissão de conteúdos educacionais.

O aparente sucesso do audiovisual gerou um renovado interesse em se usar esta tecnologia nas escolas, e então assistiu-se, na década que se seguiu à 2ª Grande Guerra Mundial, uma intensificação de programas de investigação (Reiser, 1987). Muitos destes estudos de investigação estavam direccionados para o estudo, entendimento e, mais do que isso, a gerar uma teoria que permitisse perceber como é que os meios audiovisuais afectavam a aprendizagem nas escolas.

De acordo com Margeret Cambre (1991), nos fins de 1950, princípios de 1960, a produção televisiva estava confinada aos estúdios e a programas emitidos ao vivo em que os mestres professores conduziam as turmas. Infelizmente, os professores, especialistas em certas matérias, não eram necessariamente os melhores e mais talentosos apresentadores ou comunicadores televisivos, nem detinham os melhores métodos para prender o interesse e a atenção da audiência, no que resultavam programas muito monótonos e com pouca imaginação.

Com o surgimento da televisão e tecnologias afins, nos anos 60, ocorreram diversas mudanças no EaD, uma das mais importantes, diz respeito à substituição do sistema postal para a distribuição de materiais educacionais, passando a informação a chegar via rádio ou televisão. Combinando múltiplas tecnologias, bem suportada administrativamente, as universidades abertas começaram a proceder ao recrutamento de aprendentes. Embora a Universidade Aberta Britânica e Australiana sejam as instituições mais conhecidas, começaram a surgir muitas outras em outros pontos do globo, tal como na Ásia, América do Sul e Norte, e claro está, na Europa. Hoje, as turmas virtuais estão numa fase de crescimento fora do comum, assim como o crescimento das tecnologias relacionadas com este tipo de educação, aumentam exponencialmente (PBS Distance Learning Week, 2002).

Indiscutivelmente, a invenção da Televisão e do gravador de vídeo, tiveram um enorme impacto e influência do EaD. Algumas pessoas no campo do EaD, poderão dizer que o computador pessoal e a internet (re)inventaram a educação e o modo como os estudantes estudam à distância.

Em 1980 a produção televisiva mudou com surgimento do satélite, e os programas e serviços por cabo.

Para responder a esta mudança na tecnologia, redes de televisão por satélite foram criadas para pôr à disposição educação e formação. Grandes empresas como a IBM e a

166 Kodak, reconheceram o benefício de providenciar formação usando transmissões via satélite, pois, formando os seus membros à distância, podiam poupar tempo e dinheiro a longo prazo, com a redução na quantidade de tempo em viagens e em horas de trabalho perdidos por cada trabalhador (PBS Distance Learning Week, 2002).

Em 1982, o Conselho Internacional para a Educação por Correspondência, mudou de nome, para Conselho Internacional para a Educação à Distância, reflectindo assim os desenvolvimentos nesta área (McIsaac e Gunawardena, 1996). Com o rápido crescimento das tecnologias de informação e comunicação e a evolução dos sistemas de distribuição de informação, o EaD, com os seus ideais de providenciar a igualdade de acesso ao ensino, tornou-se uma realidade. Hoje, existem cursos de EaD, leccionados quer por entidades públicas, quer por entidades privadas, e desde escolas, a universidades ou empresas.

Desde então, desenvolveram-se novas formas de EaD, de acordo com os recursos próprios dos locais, da audiência a atingir e da filosofia das organizações que desenvolviam os planos de ensino. Muitas instituições, sejam públicas ou privadas, oferecem cursos ou programas de auto-desenvolvimento, auto-motivadores, através de programas de estudo independente, ou seja, em que os aprendentes trabalham por si próprios, sendo-lhes fornecidos materiais de estudo, que podem ser impressos, e neste caso, enviados por correspondência, assim como, recorrendo à teleconferência e/ou à internet, e ainda através do apoio recebido por parte de tutores e facilitadores, via telefone ou e-mail (Sherry, 1996).

5. CONCLUSÃO

O EaD parece uma ideia recente para a maioria dos educadores de hoje, no entanto, o conceito que forma a base do EaD tem mais de cem anos. Certamente que houve um crescimento e mudanças acentuadas recentemente, mas é a longa tradição que continua a indicar o caminho do futuro (Simonson, Smaldino, Albright e Zvacek, 2000).

A decisão, em 1962, de que a Universidade da África do Sul se tornar uma universidade que ensinava à distância mudou a maneira como o EaD era encarado no mundo. Outro marco foi a fundação em 1969, da Universidade Aberta do Reino Unido. Uma universidade que atribuiu um grau universitário, oferece programas completos de graduação, cursos sofisticados e o uso inovador das tecnologias de comunicação e informação (Holmberg, 1986). A Universidade Aberta trouxe o prestígio ao EaD, e impulsionou decisivamente a criação de outras instituições similares em nações industrializadas como a Alemanha, o Japão e o Canadá, assim como em países em vias de desenvolvimento como o Sri Lanka e o Paquistão.

Holmberg (1986) enumera uma série de razões políticas, económicas e educacionais, para a criação de uma universidade de EaD, que incluem:

1. a necessidade sentida em muitos países em aumentar a oferta de educação universitária;
2. a constatação de que os adultos, com os seus empregos, responsabilidades familiares, compromettimentos sociais, formam um grupo numeroso que se perspectiva possam ser futuros aprendentes em part-time;
3. o desejo de servir, quer a sociedade, quer os indivíduos oferecendo a oportunidade de estudo aos adultos, apesar das suas desvantagens, enquanto grupo;
4. a necessidade de muitos profissionais em terem mais e melhor formação, em níveis mais avançados;
5. um desejo de sustentar ou patrocinar a inovação educacional;

6. acreditar na viabilidade económica do uso dos recursos educacionais através do ensino intermediado.

Com a velocidade com que a tecnologia avança, a proliferação de computadores pessoais e a tecnologia Web, os indivíduos já começaram a adoptar a oportunidade do EaD lhes proporciona.

Adicionalmente ao material impresso, programas de áudio/vídeo e produções por satélite, internet e cd-rom, tornam-se os meios mais comuns utilizados no EaD.

Providenciando educação via www ou por cd-rom/internet, até homens de negócios e aprendentes em áreas isoladas, podem desfrutar a interactividade, não interessando onde estão, nem o fuso horário em que se encontram. Com a introdução das comunicações digitais e dos aparelhos celulares, temos agora, oportunidades de aprendizagem para qualquer um, em qualquer lugar e a qualquer hora. Combinando estas tecnologias, com outras tecnologias mais “antigas” como seja o e-mail, grupos de discussão, chat rooms, um facilitador de EaD, pode construir um curso interactivo com sucesso. Um aprendente, neste tipo de curso, pode optar por ambientes síncronos (ao mesmo tempo) ou assíncronos (não simultaneamente).

O que nos trará o futuro? Só podemos tentar adivinhar, mas não restam dúvidas que enquanto as pessoas quiserem ou necessitarem de educação, e os trabalhadores precisarem de formação, o EaD será um meio eficaz e eficiente de o obter.

Em resumo, a história do EaD mostra que está em constante estado de evolução, mas que necessita, ainda, de investigação que aprofunde e apure muitas questões ainda por responder. A visão histórica do EaD, mostra um conjunto de novas ideias e novas tecnologias, direccionadas contra uma grande resistência à mudança, o que muitas vezes coloca a tecnologia numa situação de prometer mais do que realmente oferece. A história mostra que o ensino não tradicional, tenta combinar o ensino dito tradicional, enquanto se esforça por conseguir responder ao desafio de estar constantemente em mudança, seja ao nível teórico, das teorias de aprendizagem, quer seja ao nível da tecnologias que envolve (Jeffries, 2002).

168 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alves, J. (1994). *A Educação a Distância no Brasil: Síntese histórica e perspectivas*. Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisas Avançadas em Educação.
- Baker, J. (1999). *Student Interaction in Online Distance Education*. [Em linha]. Disponível em www.gospelcom.net/bakersguide/interaction.php [Consultado em 17/09/2002].
- Cambre, M. (1991). The State of the Art of Instructional Television. In: Anglin, G. (ed.). *Instructional Technology, Past, Present and Future*. Englewood, CO, Libraries Unlimited. pp. 267-275.
- Feasley, E. Charles (1983). *Serving Learners at a Distance: A Guide to Program Practices*. Washington, DC, Association for the Study of Higher Education.
- Freed, K. (2002). *A History of Distance Learning*. [Em linha]. Disponível em www.media-visions.com/ed-distlrn3.html [Consultado em 17/09/2002].
- Frick, T. W. (1991). *Restructuring Education Through Technology*. Bloomington, IN, Phi Delta Kappa Educational Foundation.
- Holmberg, B. (1981). *Educación a distancia: situación y perspectivas*. Buenos Aires, Editorial Kapelusz.
- Holmberg, B. (1986). *Growth and Structure of Distance Education*. London, Croom Helm.
- Jeffries, M. (2002). *IPSE – Research in Distance Education*. [Em linha]. Disponível em www.ihets.org/consortium/ipse/fdhandbook/resrch.html [Consultado em 28/10/2002].
- Landim, C. (1997). *Educação a Distância: algumas considerações*. Rio de Janeiro.
- Mattelart, A. (1994). *Comunicação Mundo: História das ideias e das estratégias*. Petrópolis, Vozes.
- McIsaac, M.S. e Gunawardena, C.N. (1996). Distance Education. In: Jonassen, D. (Ed.) *Handbook of research for educational communications and technology: a project of the Association for Educational Communications and Technology*. New York: Simon & Schuster Macmillan, pp. 403-437
- Moore, M. G. (1990). Recent Contribution to the Theory of Distance Education. In: *Open Learning*, pp. 10-15.
- Moore, M. e Kearsley, G. (1996). *Distance education: a systems view*. Belmont (USA), Wadsworth Publishing Company.
- Nasseh, B. (1997). *A Brief History of Distance Education*. [Em linha]. Disponível em www.senior.net.org/edu/art/history.html [Consultado em 13/05/2002].
- Nunes, I. (1993). Noções de Educação a Distância. In: *Revista Educação a Distância*. (nrs. 4-5/ Dezembro 93 – Abril 94). Brasília, Instituto Nacional de Educação a Distância. pp. 7-25.
- PBS Distance Learning Week (2002). *Distance Learning: On overview*. [Em linha]. Disponível em www.pbs.org/als/dlweek/history.htm [Consultado em 20/05/2002].
- Preti, O. (1996). Educação a Distância: uma prática educativa mediadora e mediatizada. In: Preti, O. (Ed.). *Educação a Distância: Inícios e indícios de um percurso*. Cuiabá.
- Reiser, R. (1987). Instructional Technology: A history. In: Gagne, R. (Ed.) *Instructional Technology: Foundations*. Hillsdale, Lawrence Erlbaum.
- Saba, F. & Associates (1999). *Distance Education: An introduction*. [Em linha]. Disponível em www.distance-educator.com [Consultado em 05/07/2001].
- Simonson, M. Smaldino, S., Albright, M. & Zvacek, S. (2000). *Teaching and Learning at a Distance: Foundations of distance education*. New Jersey, Prentice Hall.
- Sherry, L. (1996). Issues in Distance Learning. In: *International Journal of Educational Telecommunications*, 1 (4), pp. 337-365.
- Universidade Aberta (2000). *Ensino á Distância*. [Em linha]. Disponível em www.uni-ab.pt [Consultado em 02/05/2000].
- Zigerell, James (1984). *Distance Education: An Information Age Approach to Adult Education*. The National Center for Research in Vocational Education, The Ohio State University, Columbus, Ohio.